

Varição construcional e/ou competição pelo uso

Constructional variation and/or competition for use

*Monclar Guimarães Lopes**
monclarlopes@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: No presente texto, tenho o objetivo de discutir o lugar da variação nos estudos desenvolvidos à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, um modelo de investigação funcionalista que alia a vertente clássica do Funcionalismo Norte-Americano e a Linguística Cognitiva, mais especificamente, a abordagem construcional da gramática. Uma vez que esses dois modelos têm pontos de vista relativamente distintos – bem como terminologia própria – para o tratamento da variação, proponho-me, com base em pesquisa bibliográfica, a comparar os fenômenos da variação construcional (de orientação cognitiva) e da competição pelo uso (de orientação funcionalista). Defendo que a adoção do termo variação construcional nos estudos em LFCU é mais adequado, uma vez que esse fenômeno assume uma dimensão mais ampla do que a competição pelo uso: enquanto este último prioriza os aspectos internos (estruturais e cognitivos), o primeiro possibilita o tratamento de fatores tanto internos (estruturais e cognitivos) quanto externos (de natureza social).

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso. Variação Construcional. Competição pelo Uso.

ABSTRACT: This text aims to discuss the place of variation in Cognitive-Functional Linguistics' studies, a functionalist research model that combines the North American Functionalism and Cognitive Linguistics, more specifically, the Construction Grammar approach. Since these two perspectives have relatively different points of view – and also their own terminology – for the treatment of variation, in this text, I compare the phenomena of constructional variation (a cognitive perspective) and the competition for use (a functionalist perspective). I claim that the adoption of constructional variation in LFCU studies is more appropriate, since this phenomenon takes on a broader dimension than competition for use: while the latter prioritizes the internal aspects (structural and cognitive ones), the former enables the treatment of both internal (structural and cognitive) factors and external (social) ones.

KEYWORDS: Cognitive-Functional Linguistics. Constructional variation. Competition for use.

Introdução

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Estudos da Linguagem pela mesma universidade. Áreas de interesse: Funcionalismo, Linguística de Texto, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa.

O tratamento do tema “variação construcional” no bojo das categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso (Doravante LFCU) tem sido um ponto de dissenso entre os pesquisadores brasileiros. De um lado, há quem defenda a existência de estruturas alternáveis em determinados contextos de uso, as quais representam uma opção de dizer o mesmo conteúdo de diferentes maneiras. De outro, há quem argumente que o conceito de variação vai de encontro ao princípio da não-sinonímia ou, ainda, que já existe, dentro das categorias analíticas da LFCU, a expressão “competição pelo uso”, prevista pelo princípio de camadas (HOPPER, 1991), o qual trata da coexistência de diferentes formas linguísticas que concorrem pelo uso em virtude da proximidade de significado, apesar de não serem sinônimas.

Uma vez que a perspectiva com a qual trabalhamos representa a união de duas correntes teóricas, a Linguística Cognitiva e o Funcionalismo Norte-Americano, e que reconhecemos que cada um desses fenômenos está associado a uma dessas linhas, defendo que entender o campo de atuação da **variação construcional** e da **competição pelo uso**, por meio de um estudo comparativo, seja relevante aos interesses da LFCU. Sendo assim, neste texto, procedo a uma pesquisa bibliográfica, por meio da qual busco responder às seguintes questões: 1) *Variação construcional e competição pelo uso* são fenômenos análogos? 2) Se sim, pode-se empregar os dois termos indistintamente? 3) Se não, em que reside a diferença entre eles?

Para esse fim, divido este artigo em quatro partes. Na primeira, trato da relação entre sinonímia, variação e competição pelo uso. Na segunda, do estudo da variação na Sociolinguística Variacionista, no Funcionalismo e na Linguística Cognitiva. Na terceira, das semelhanças e diferenças entre variação e competição pelo uso. Por fim, trago possíveis encaminhamentos e soluções para o tema.

1. A relação entre sinonímia, variação e competição pelo uso

Nos últimos anos, nas discussões da Linguística Funcional Centrada no Uso, o princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995) – o qual prevê que duas construções formalmente distintas são semântica e/ou pragmaticamente distintas –, tem sido evocado para refutar a existência da variação construcional. Isso se dá em virtude da crença de que variação pressupõe a existência de duas ou mais formas alternáveis nos diversos contextos de uso.

Não obstante, é importante chamar a atenção para o fato de que a Sociolinguística Variacionista, desde que ampliou o escopo de seus estudos para além da fonologia, inicialmente relativizou e, posteriormente, abandonou a ideia de sinonímia absoluta, em que duas ou mais expressões linguísticas, nos termos de Labov (1972, p. 338), seriam idênticas em seu valor referencial, social e estilístico. No texto *Constraints on the agentless passive*, Weiner e Labov (1983 [1977]) apresentam um estudo de base variacionista em que identificam os fatores responsáveis pela seleção das construções passivas no lugar das ativas em falantes do inglês. Argumentam que, a despeito da diferença de foco e ênfase, há contextos de uso em que essas estruturas são intercambiáveis:

Se isolarmos as palavras de seu uso, podemos mostrar que não existe sinônimo perfeito, pois todas as palavras têm propriedades ligeiramente diferentes quando consideramos todos os contextos possíveis. Mas, na prática, a necessidade de variação estilística leva todos os falantes e escritores do inglês a substituir uma palavra pela outra com a expectativa de que quaisquer diferenças que possam surgir em outros contextos não afetem a interpretação naquele. Em nosso estudo das estruturas ativas e passivas, preocupamo-nos com as informações que são transmitidas por essa escolha na vida cotidiana. Em nossos dados, há ampla evidência de que as duas formas são empregadas de forma intercambiável. (WEINER e LABOV, 1983 [1977], p. 30)¹.

Em um trabalho posterior – *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera* –, Labov (1978) propõe que a noção de significado compreenda tanto o valor representacional quanto as diferenças estilísticas. Conclui que a variação pode ser aferida quando “duas expressões que se referem a um mesmo estado-de-coisas têm o mesmo valor de verdade²” (LABOV, 1978, p. 2).

Dessa maneira, pode-se compreender que a inexistência de sinonímia prevista pelos princípios gerais da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) ou, até mesmo, pela noção do isomorfismo linguístico (BOLINGER, 1977) não é um

¹ If we isolate words from their use, we can show that there is no such thing as a precise synonym, since all words have slightly different privileges of occurrence when we consider every possible context. But in practice, the need for stylistic variation leads all speakers and writes of English to substitute one word for the other with the expectation that any differences that might arise in other contexts will not affect interpretation in that one. In our study of active and passive, we are concerned with the information that is transmitted by this choice in everyday life. In our data there is ample evidence that the two forms are used interchangeably.

² Two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value.

impedimento para o estudo da variação em perspectiva construcional. Inclusive, é possível observar que autores que trabalham com a noção de **variação construcional** ratificam o ponto de vista de Labov (1978):

A sinonímia não deve ser explicada pela derivação, mas por mostrar como a estrutura semântica de uma expressão é muito semelhante à da outra, tornando possível que ambas sejam usadas para codificar as mesmas situações. A identidade de significado é, se é que existe, um caso limite extremamente raro; virtualmente todas as expressões sinônimas diferem em significado em algum grau. As semelhanças de significado que existem entre morfemas ou construções sinônimas podem, é claro, ser percebidas pelos falantes, e essa relação de sinonímia pode atingir o status de unidade (como qualquer outra relação cognitiva), ser convencionalizado e até ter uma direcionalidade, com uma expressão considerada mais básica. Isso seria o equivalente funcional de uma regra de transformação básica (TUGGY 1981, p. 46-47 *apud* CAPPELLE, 2006, p. 22)³.

[...] Sob o ponto de vista de Weiner e Labov (1983), duas variantes só precisam compartilhar o mesmo significado proposicional, as mesmas condições de verdade, mas não precisam ser equivalentes em cada aspecto semântico-pragmático e/ou funcional – semelhante ao termo ‘sinonímia descritiva’, de J. Lyons (1977, p. 242). Basicamente, a mesma ideia foi capturada recentemente no âmbito da Gramática de Construções de Cappelle (2006)⁴. (ROSENBACH, 2007, p. 152).

Por sua vez, no que diz respeito ao termo funcionalista “competição pelo uso”, este foi elaborado com base no conceito de camadas – um dos cinco princípios de gramaticalização de Hopper (1991) – o qual é transcrito abaixo:

- (1) *Camadas*. Dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão surgindo continuamente. Conforme isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas,

³ Synonymy is not to be accounted for by derivation, but by showing how the semantic structure of one expression closely parallels that of the other, making it possible for both to be used to code the same situations. Identity of meaning is, if it exists at all, an extremely rare limiting case; virtually all synonymous expressions differ in meaning to some degree. The similarities of meaning that do exist between synonymous morphemes or constructions can, of course, be perceived by speakers, and that relationship of synonymy can achieve unit status (like any other cognitive relationship) and be conventionalized and even have a directionality, with one expression felt to be the more basic one. This would be the functional equivalent of a classical transformation rule.

⁴ Under this view (Weiner & Labov – 1983), the two variants only need to share the same propositional, truth-conditional or descriptive meaning but do not have to be equivalent in every semantic-pragmatic and/or functional aspect, similar to J. Lyons’ (1977: 242) term ‘descriptive synonymy’. Basically the same idea has been captured within the framework of Construction Grammar by Cappelle (2006).

mas podem permanecer, coexistir e interagir com as camadas mais novas⁵. (HOPPER, 1991, p. 22)

Sob esse ponto de vista, a língua frequentemente dispõe de mais de uma estrutura para uma função. Segundo Hopper (1991, p. 23), isso ocorre porque, quando surge um novo elemento em um dado domínio funcional, a língua não substitui imediatamente outras formas existentes de função similar, fazendo com que duas ou mais estruturas de função semelhante coexistam em um mesmo período e compitam pelo uso. Como exemplo, pode-se pensar nas duas formas alternativas existentes para a expressão do futuro no português: o futuro do presente simples (por exemplo, *comerei*) e o futuro perifrástico (por exemplo, *vou comer*). São funcionalmente semelhantes, embora não sejam sinônimas, já que o emprego de uma ou de outra está associado a diferentes níveis de formalidade, sendo cada uma delas mais frequente em contextos específicos.

Conforme é possível constatar por meio dos argumentos apresentados, tanto a *variação construcional* quanto a *competição pelo uso* refutam a ideia de sinonímia absoluta. Concordam que, na língua, é comum que existam duas ou mais formas linguísticas intercambiáveis em determinados contextos de uso, mesmo que haja entre elas diferenças sociais e/ou estilísticas (visão sociolinguística) ou semântico-pragmáticas (visão funcionalista e construcionista). Portanto, a noção de sinonímia não pode ser vista como um impedimento para a escolha de um fenômeno (competição pelo uso) em detrimento de outro (variação construcional).

2. Variação na sociolinguística, no Funcionalismo e na Linguística Cognitiva

A Sociolinguística e o Funcionalismo Linguístico são duas correntes teóricas que compartilham a ideia de que as línguas naturais são dinâmicas e heterogêneas e, conseqüentemente, suscetíveis à variação e à mudança. No entanto, por almejarem objetivos distintos, apresentam categorias e métodos próprios.

Segundo Mollica (2004, p. 11), a Sociolinguística busca “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever

⁵ Layering. Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers.

seu comportamento regular e sistemático”. Para isso, observa os elementos linguísticos à luz das relações entre língua e sociedade. No grupo de fatores analíticos para a descrição das variantes, por exemplo, estão as variáveis sociais, que compreendem aspectos relativos a idade, gênero, classe social, região, entre outros. Nesse sentido, Gorski et al (2003) acrescentam que, para além da descrição estrutural, os estudos variacionistas ganham relevo do ponto de vista social, na medida em que as variantes servem para a identificação dos grupos e para a demarcação de diferenças sociais nas comunidades de fala.

Como ilustração da atuação desses fatores, segue um estudo sobre a variação do uso do artigo definido diante de nomes próprios e de possessivos. Conforme se sabe, o Português Brasileiro apresenta a possibilidade de usar ou não o artigo antes de possessivos (p.ex.: *a minha mãe*) e nomes próprios (p. ex.: *o Carlos*), cujo emprego é usualmente associado ao grau de intimidade entre os falantes e, por essa razão, assumiria uma função meramente estilística. No entanto, Leite e Callou (2002, p. 53) apresentam uma pesquisa que interpreta essa questão de modo bastante diverso. Por meio de um extenso levantamento de dados, chega-se à conclusão de que o emprego do artigo antes de possessivo e de nome próprio está associado a questões regionais, mais especificamente à diferença entre o ritmo silábico e o ritmo acentual dos falares “nortistas” e “sulistas”, como é possível observar no gráfico a seguir, sendo o emprego do artigo mais frequente no Sul do que no Norte. Ou seja, sob o olhar desse estudo de base variacionista, empregar ou não o artigo antes de possessivos e nomes próprios, mais do que mostrar diferenças funcionais, caracteriza os diferentes falares regionais brasileiros.

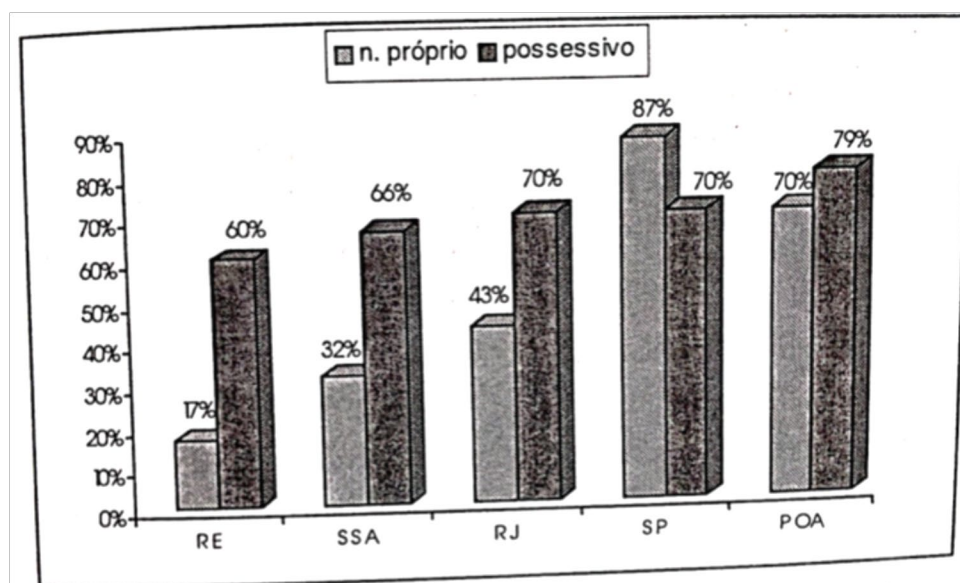


Figura 1. Distribuição regional de uso do artigo diante de nomes próprios e de possessivos

Fonte: Leite e Callou (2002, p. 53)

Por sua vez, o Funcionalismo Linguístico é uma corrente linguística que busca “estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2008, p. 157), sob a defesa de uma gramática emergente, na qual as estruturas linguísticas estão em constante mudança em decorrência das vicissitudes do discurso. Em linhas gerais, são bastante caros à investigação funcionalista: a) os diferentes usos das construções linguísticas (em termos de variação/gradiente) nos seus diversos contextos de uso; b) a descrição da mudança linguística, tanto no que diz respeito ao resultado da mudança – as novas formas e funções que emergem desse processo – quanto no que se refere às motivações (em sua maioria de ordem cognitiva) que ensejam a mudança; e, mais recentemente, com o diálogo com a Linguística Cognitiva: c) a compreensão da realidade psicológica das línguas, com o intuito de descrever a aquisição, a (re)categorização e a representação da língua na mente dos falantes. Diferentemente da Sociolinguística Variacionista, que busca sistematizar como a mudança ocorre no contexto social da comunidade de fala (a partir de fatores internos – estruturais – e externos - sociais), a Linguística Funcional Centrada no Uso busca relacionar os fenômenos observáveis nos dados linguísticos aos mecanismos cognitivos motivadores da variação/mudança (isto é, não leva em consideração fatores de natureza extralinguística).

Um outro aspecto relevante é a diferença no tratamento dado à variação quando se comparam os estudos sociolinguísticos variacionistas àqueles desenvolvidos pelo Funcionalismo Norte-Americano (em sua versão clássica). Enquanto os primeiros têm como objeto duas ou mais formas de valor correspondente, intercambiáveis em certos contextos de uso, os últimos olham a variação em termos de polissemia/polifuncionalidade, que são resultados da *divergência*, segundo Hopper (1991, p. 24):

O princípio da divergência resulta em pares ou múltiplas formas que tem uma etimologia comum, mas divergem funcionalmente. A forma gramaticizada pode ser fonologicamente idêntica à forma lexical autônoma, como aconteceu com a palavra francesa *pas* 'não; partícula negativa' e seu cognato *pas* 'passo' ou os dois podem ser tão distintos que a relação seja completamente opaca, como aconteceu com o artigo indefinido inglês *a(n)* e a palavra *one* (um)⁶.

Como é possível observar, a concepção e o tratamento da variação divergem entre as duas abordagens. Sob esse mesmo ponto de vista, Martelotta (2009, p. 4) faz as seguintes considerações sobre as duas linhas de pesquisa, em um texto em que critica o uso de metodologia variacionista em pesquisas de orientação funcionalista:

As questões substantivas⁷, então, passam a ser diferentes. Tendem a se identificar com fenômenos como *pressuposição* e *implicatura conversacional*, *informatividade* e *contrastividade*, *marcação* e *iconicidade*, *metáfora* e *metonímia*, *subjetividade* e *afetividade*, *ponto de vista* e *alinhamento de figura e fundo*, entre outros. A compreensão desses fenômenos não depende, pelo menos essencialmente, de questões associadas à variação que as formas em estudo mantêm com outras formas de valor correspondente, mas de aspectos relacionados à utilização pelos participantes de suas habilidades cognitivas, que tendem a se adaptar aos diferentes contextos comunicativos. Nesse sentido, a metodologia variacionista como um todo, que está inteiramente coerente com as propostas da sociolinguística labovianas, não se mostra totalmente adequada ao

⁶ The Principle of Divergence results in pairs or multiples of forms having a common etymology, but diverging functionally. The grammaticized form may be phonologically identical with the autonomous lexical form, as has happened with the French word *pas* 'not; negative particle' and its cognate *pas* 'pace, step', or the two may be so distinct that the relationship is completely opaque, as has happened with the English indefinite article *a(n)* and the word *one*.

⁷ Essas questões substantivas fazem referência ao Funcionalismo, no texto original.

modelo funcionalista, que precisa levar em conta, de modo mais detalhado, o cenário comunicativo.

Todavia, a despeito da pertinência dos apontamentos de Martelotta (2009), deve-se considerar que, ao se incorporar o modelo construcional nas análises e começar a descrever as construções linguísticas situadas em redes, em seus diferentes níveis de esquematicidade, passou a ser possível (além de pertinente e relevante) o tratamento dos dois tipos de variação: tanto a variação que compreende as formas alternativas de se dizer a “mesma” coisa quanto a variação em termos de gradiência (polissemia e polifuncionalidade).

Em se tratando da perspectiva da Linguística Cognitiva, Cappelle (2006) apresenta um modelo para o tratamento da variação no âmbito da Gramática de Construções: as aloconstruções – termo adaptado do inglês, *allostructions*. Na investigação da variabilidade da posição das partículas verbais nos *phrasal verbs* (por exemplo, *let down a friend vs let a friend down*), o autor elabora um modelo em que as variantes se estabelecem em uma relação horizontal, ligadas a uma variável superordenada, conforme é possível verificar na figura 01:

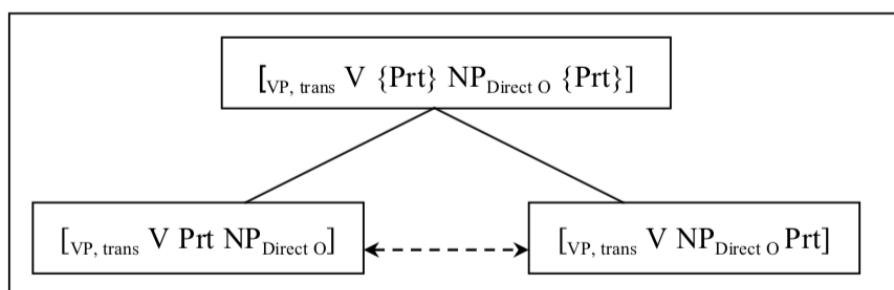


Figura 2. A construção transitiva de partículas verbais e suas aloconstruções
Fonte: Cappelle (2006, p. 18)

Cappelle (2006) argumenta que construções como [*put X on*] ou [*put on X*] podem ser vistas como variantes de uma mesma variável, levando-se em consideração suas propriedades semânticas, embora haja entre elas diferença formal (a colocação da preposição) e pragmática (espera-se que a preposição ocupe a segunda posição quando o objeto assume função anafórica).

Um outro pesquisador que aborda a existência da variação construcional é Hilpert (2014). Na obra *Construction Grammar and its Application to English*, ele apresenta um capítulo dedicado à variação construcional. Como ilustração dessa abordagem, o autor apresenta um estudo de Bresnan (2007 *apud* HILPERT, 2014, p.

188), com aporte psicolinguístico, que trata da relação de variação construcional entre a construção ditransitiva e a dativa preposicionada:

- (i) A: Do we have any more wine?
 B: No, I'm afraid there's nothing left.
 A: But we had that last bottle of Merlot!
 B: Yes, but...
 ... I gave John that last one.
 ... I gave that last one to John⁸.
- (ii) A: Do we have any more wine?
 B: No, I'm afraid there's nothing left.
 A: But it's John's Birthday and I need to bring something!
 B: Yes, well...
 ... you could give John some chocolate.
 ... you could give some chocolate to John⁹.

Por meio desses exemplos, que constituem parte de um experimento psicolinguístico, Bresnan (2007 apud HILPERT, 2014) argumenta que as duas construções podem ser intercambiáveis, mesmo não sendo sinônimas (já que há entre elas uma nítida diferença pragmática). De um lado, o autor aponta que o contexto linguístico motiva o emprego da dativa preposicionada em (i) *I gave that last one to John* e da ditransitiva em (ii) *you could give John some chocolate*, devido às relações de tópico e foco – em (i), o tópico é a garrafa de vinho, que ocupa a primeira posição na dativa preposicionada; em (ii) John é o tópico, que ocupa a primeira posição na construção ditransitiva. De outro, chama a atenção para o fato de que motivação não significa regra categórica de uso, até mesmo porque, no experimento realizado, não são todos os falantes que optaram pela construção mais provável. Portanto, a regra de seleção é variável, na medida em que há possibilidade de alternância.

Para mostrar a pertinência da variação construcional nas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, trago como exemplo quatro ocorrências extraídas da minha pesquisa *relações coesivas e*

⁸ Tradução nossa: A: nós temos mais vinho? B: Não, eu receio que não tenha restado nada. A: mas tínhamos uma última garrafa de Merlot. B: Sim, mas... (i) eu dei a John a última garrafa; (ii) eu dei a última garrafa a John.

⁹ Tradução nossa: A: nós temos mais vinho? B: Não, eu receio que não tenha restado nada. A: mas é o aniversário de João e eu preciso levar algo! B: Sim, bem... (i) você poderia dar ao João um chocolate; (ii) você poderia dar um chocolate a João.

semânticas da construção [PREP ISSO] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LOPES, 2019; LOPES e SILVA, 2022):

(01) A ausência de conflitos, no entanto, lembra a pesquisadora, não é necessariamente positiva. Isso porque o respeito ao outro e às regras de convívio não deve existir pela falta de contato entre as crianças, mas por um sistema moral que guia a conduta. Os atritos acompanharão a criança até a idade adulta, **por isso** é importante prepará-las desde pequenas para suas relações interpessoais¹⁰.

(02) Em parte, isso acontece graças à taxa de atualização da imagem de 120Hz. Isso, aliás, é positivo também para quem joga games, que terá mais velocidade de imagem do que em modelos de 60Hz.

Se a sua reclamação em relação a TVs 4K é a ausência de conteúdos compatíveis, as fabricantes desenvolvem há anos uma tecnologia chamada upscaling. Ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD. **Com isso**, a experiência de ver até mesmo TV aberta em um modelo 4K é melhor do que em um Full HD e isso pode ser notado com facilidade pelos consumidores¹¹.

(03) Esse acidente ocasionou a entrada do Safety-Car que permaneceu por três voltas na pista. Na relargada, em excelente manobra, Sérgio conseguiu abrir um pouco dos demais concorrentes e, nas três últimas voltas, andou em ritmo de classificação para comemorar a sua segunda vitória na F-2.

“Foi um fim de semana que começou com a minha pior posição de largada do ano e terminou comigo comemorando a vitória. Nosso carro tinha um ritmo de corrida excelente e, **com isso**, consegui me recuperar muito bem na corrida de ontem e hoje, novamente fui muito rápido”¹².

(04) “A nossa previsão é de que cheguem 200 carros até o final do dia”, diz o presidente do Clube do Fusca de Pernambuco, Júlio Valença. A finalidade da exposição é celebrar o Dia Mundial do Fusca, que foi no último dia 22. “As pessoas estavam viajando por causa do feriado do São João e, **por isso**, adiamos o evento”, conta Júlio. Segundo ele, a exposição tem veículos vindos de Caruaru, Camocim, Igarassu etc. “Cada carro tem um estilo, mas os que têm placa preta são de colecionador. Também estão expostos os derivados do Fusca. E vão participar os integrantes dos clubes do Puma, do Santana e dos automóveis antigos”, conta Júlio¹³.

¹⁰ Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-santi/estudos-ressaltam-a-importancia-do-desenvolvimento-moral-de-criancas/> - Acesso em 05 de outubro de 2020.

¹¹ (Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/review-qlcd-tv-q80-reune-melhores-recursos-de-imagem-e-tem-app-da-apple/>) - Acesso em 10 de outubro de 2020.

¹² (Disponível em: <http://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/f1mania/depois-de-quase-dois-anos-de-jejum-sette-camara-comemora-vitoria-estou-muito-feliz.html>) - Acesso em 10 de outubro de 2020).

¹³ (Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/06/30/cerca-de-200-carros-antigos-participam-de-exposicao-no-recife-382102.php>) - Acesso em 03 de janeiro de 2022).

Nas ocorrências (01) e (02) acima, *por isso* e *com isso* estabelecem uma relação de conclusão. Segundo Marques e Pezatti (2015), a relação conclusiva na língua portuguesa se caracteriza pela existência de um raciocínio inferencial lógico, em que uma conclusão é derivada de duas premissas, uma explícita e outra elidida. Nesse caso, há uma relação *P portanto Q*, em que P é uma premissa e Q uma conclusão. Nesse sentido, em (01), há uma premissa explícita (os atritos acompanharão a criança até a vida adulta) e uma implícita (na vida adulta, devemos saber lidar com os atritos), de onde se extrai uma conclusão (por isso é importante prepará-las desde pequenas para suas relações interpessoais). De maneira análoga, em (02), há uma premissa explícita (ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD), uma premissa implícita (o consumidor busca uma TV que tenha a melhor qualidade de imagem) e uma conclusão (os consumidores notam facilmente a superioridade das TVs 4K em relação ao modelo Full HD).

Já em (03) e (04), esses mesmos conectores estabelecem uma relação de consequência, que pode ser entendida como uma relação factual temporalmente situada, em que a causa é anterior à consequência. Para Sweetser (1990), a consequência pertence ao domínio do conteúdo, já que a causalidade entre os fatos expressos nas duas orações (ou unidades discursivas) está associada ao conhecimento enciclopédico estocado a partir de nossa experiência extralinguística. Nesse caso, em (03), observamos que as unidades discursivas ligadas por [com isso] encadeiam um fato anterior e outro posterior e estabelecemos entre eles uma relação de causa e consequência. Essa relação se dá no domínio do conteúdo porque sabemos, com base em nosso conhecimento de mundo, que um fato implica o outro. Em (04), também há uma relação implicativa entre os fatos temporalmente encadeados por [por isso]: as pessoas estarem viajando é a causa, enquanto o adiamento do evento é sua consequência.

Uma vez que [com isso] e [por isso] são conectores empregados com função análoga, em uma mesma situação discursiva (mesma sequência tipológica e mesmo gênero de texto), é possível interpretá-las como formas variantes, podendo uma ser utilizada no lugar da outra. Dessa maneira, seria possível dizer alternativamente: em (01), *os atritos acompanharão a criança até a idade adulta, com isso é importante prepará-las desde pequenas para suas relações interpessoais*; em (02), *ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD. Por isso, a experiência de ver até mesmo TV aberta em um modelo 4K é melhor do que em um*

*Full HD e isso pode ser notado com facilidade pelos consumidores; em (03), nosso carro tinha um ritmo de corrida excelente e, **por isso**, consegui me recuperar muito bem; em (04), as pessoas estavam viajando por causa do feriado do São João e, **com isso**, adiamos o evento.* Gostaria de ressaltar que o fato de o primeiro conector atuar na conexão de orações e o segundo na conexão de períodos não está associado a uma diferença funcional entre [com isso] e [por isso], já que as duas construções podem atuar alternativamente nos dois contextos de uso, como tenho observado nos dados de minha pesquisa.

Conforme é possível notar, lido com uma construção parcialmente esquemática [PREP ISSO], além de produtiva, uma vez que prevê conectores iniciados por diferentes preposições, como [por isso], [com isso] e [para isso], por exemplo. Os dois dados que apresentei mostram que [com isso] e [por isso] podem atuar em uma relação de variação, já que são alternáveis em contextos em que a conexão estabelece entre segmentos de texto uma relação conclusiva ou consecutiva. Isso não quer dizer que essas duas formas devam ser vistas como totalmente equivalentes, mas, sim, que assumem o mesmo valor de verdade quando empregadas em contextos de conclusão ou consequência. Os dados dessa pesquisa em desenvolvimento têm evidenciado que, enquanto [por isso] estabelece mais frequentemente relações conclusivas, [com isso] atua mais nas relações de consequência, o que já aponta para uma diferença pragmática entre as duas construções.

3. Semelhanças e diferenças entre variação e competição pelo uso

Ao longo deste texto, tratei de algumas semelhanças e diferenças entre a perspectiva da variação na Sociolinguística Variacionista e no Funcionalismo Linguístico (em sua vertente clássica). Essas características são retomadas no quadro abaixo, onde também se apresentam algumas outras:

| SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA | FUNCIONALISMO (CLÁSSICO) |
|--|--------------------------|
| Ambas defendem que as línguas naturais são dinâmicas e heterogêneas e, conseqüentemente, suscetíveis à variação e à mudança. | |
| Ambas refutam a noção de sinonímia absoluta, embora compreendam a existência de formas alternáveis de dizer a mesma coisa: tanto a <i>variação</i> , na Sociolinguística Variacionista, quanto a <i>competição pelo uso</i> , no Funcionalismo Linguístico, entendem que | |

| | |
|---|---|
| <p>existem maneiras alternáveis de expressar um mesmo conteúdo. Afinal, todo ser humano é dotado da capacidade de paráfrase, isto é, de dizer a mesma coisa por meio de estruturas diferentes.</p> | |
| <p>Na perspectiva variacionista, os estudos em variação normalmente versam sobre formas alternáveis de dizer a mesma coisa;</p> | <p>Na perspectiva funcionalista, variação costuma ser vista como <i>divergência</i> (HOPPER, 1991), em que uma mesma forma, em processo de mudança, apresenta diferentes sentidos e diferentes funções na língua.</p> |
| <p>A variação é explicada com base em variáveis sociais (externas) e estruturais (internas).</p> | <p>A variação (em termos de divergência) é resultado da atuação de mecanismos cognitivos (internos), como <i>metáfora</i> e <i>metonímia</i>, ativados no uso linguístico.</p> |
| <p>Uma vez que os fatores sociais compreendem diferentes estratos, como idade, classe social, gênero, região etc., os resultados das pesquisas servem também para a descrição dos diferentes dialetos/variedades linguísticas e de seus usuários.</p> | <p>Uma vez que focalizam os mecanismos cognitivos que ensejam a mudança, os fatores atuam para a descrição dos usos linguísticos nos diferentes contextos de produção, mas não para a identificação de seus usuários como indivíduos pertencentes a determinados estratos sociais.</p> |
| <p>Os estudos em variação e mudança visam a determinar em que contextos estruturais e sociais a variação deve ocorrer ou, até mesmo, se a variação tende à estabilidade (manutenção da alternância de formas para a expressão de um mesmo valor de verdade) ou à mudança (com a obsolescência de uma das formas).</p> | <p>Os estudos que compreendem a competição pelo uso normalmente focalizam a trajetória diacrônica de uma forma em gramaticalização que passou a competir pelo uso com uma outra mais estável e convencional na língua. A ideia de competição nasce da concepção de que, assim que um novo elemento entra para um determinado domínio funcional, ele se espalha, tendendo a ocupar, progressivamente, novos contextos de uso. Nessa perspectiva, há também uma relação de prototipicidade dinâmica, em que o aumento e a diminuição de frequência de uso acarretam a (re)categorização: elementos mais frequentes se tornam exemplares e, por isso, mais elegíveis de serem recrutados para o uso.</p> |

Quadro 1. Semelhanças e diferenças entre variação na Sociolinguística e no Funcionalismo Linguístico.

Fonte: elaboração própria.

Como se pode observar, a partir da leitura do quadro 1, o termo variação assume normalmente contornos distintos nas pesquisas de base variacionista e funcionalista. Mesmo no estudo da competição pelo uso, em que o Funcionalismo descreve a existência de duas formas alternáveis de se dizer “a mesma” coisa (como

faz a Sociolinguística Variacionista), observa-se que o tratamento é diferenciado, na medida em que as finalidades são também distintas.

Haja vista que atualmente se trabalha com um novo modelo funcionalista – a Linguística Funcional Centrada no Uso –, é necessário entender o campo de atuação da variação construcional, isto é, saber se o fenômeno tem sido empregado para estudos mais próximos ao que se desenvolve na perspectiva da Sociolinguística Variacionista ou do Funcionalismo Linguístico, ou ainda, se possibilitam os dois tipos de análise.

Na seção anterior, foram apresentadas as visões de Hilpert (2014) e Cappelle (2006) sobre a variação construcional. Embora Hilpert (2014), ao tratar do tema variação construcional, utilize como referência as pesquisas de Labov, os estudos apresentados em sua obra não levam em consideração os fatores sociais, tão caros à Sociolinguística Variacionista. Uma vez que a GC tem um compromisso com a descrição da realidade psicológica (e não social) das línguas naturais, o estudo apresentado, que interpreta as construções ditransitiva e a dativa preposicionada como variantes, investe na abordagem experimental, no intuito de aferir se o contexto pragmático condiciona a escolha por uma ou outra estrutura. Como já foi discutido anteriormente, os resultados do teste psicolinguístico apontam que há uma grande motivação por trás da seleção das estruturas, relacionada ao fluxo informacional (relação tópico e foco), na medida em que os usuários tendem a utilizar a construção ditransitiva quando o primeiro objeto é uma anáfora que remete a um elemento humano ativo na memória de trabalho, por exemplo. No entanto, essa motivação apenas indica uma preferência, uma probabilidade, não uma regra de uso. Sendo assim, se há usuários que fazem escolhas diferentes, é porque se está diante de uma regra variável; um caso, portanto, de variação construcional.

De maneira análoga, Cappelle (2006), ao elaborar o modelo das aloconstruções, também propõe um estudo em que pesam somente fatores internos. Em seu estudo seminal, em que apresenta o modelo a partir das possibilidades de colocação das preposições nos *phrasal verbs*, o pesquisador investe somente na semelhança semântica entre as duas construções, que, por assumirem um mesmo valor de verdade (valor referencial), estariam em relação de variação construcional.

Contudo, isso não quer dizer que o modelo construcionista é refratário à ideia de variação em que se considerem fatores sociais. Gries (2013), por exemplo, mostra como o estudo em variação construcional (*construction alternations*, em sua

terminologia) pode se beneficiar dos fatores externos. Para isso, ele parte de estudos cognitivos que investigam a existência de variação (*alternations*) motivada a partir de *priming* (2013, p. 9):

O *Priming* sintático se refere à tendência de os falantes reutilizarem estruturas sintáticas que eles acabaram de processar. Por exemplo, falantes que processaram uma sentença passiva são mais propensos a descrever um cenário transitivo por meio de outra sentença passiva, em comparação aos falantes que processaram uma sentença ativa. É bem sabido até o momento que a persistência estrutural é robusta, duradoura e cumulativa (exibindo uma curva logarítima em queda), e tem sido observada na compreensão e na produção translinguística. (...) Até o momento, já descobrimos vários determinantes cognitivos e psicolinguísticos do *priming* sintático, mas os fatores sociolinguísticos não têm recebido a atenção devida. Isso se deve ao fato de a maior parte dos trabalhos em *priming* serem de natureza experimental. Entretanto, muito embora haja alguns estudos em *priming* baseados em *corpus* que são compatíveis com a perspectiva discursiva e sociolinguística, eles ainda são poucos em termos de, por exemplo, modo ou diferenças de registro mais refinadas¹⁴.

Ademais, Dirk Geeraerts, Gitte Kristiansen e Yves Peirsman (Eds.), em 2010, organizaram uma obra cujo título é *avanços na Sociolinguística cognitiva*, onde consta uma parte dedicada à variação construcional, composta por capítulos de três pesquisadores: Benedikt Szmrecsanyi (professor de linguística na Universidade de Leuven), Gunther de Vogelaer (professor na Universidade de Münster) e Timothy Coleman (Universidade de Gante). Nos três capítulos, os autores lidam com fatores estruturais, sociais e cognitivos para o estudo. Como ilustração, seguem os fatores apresentados por Szmrecsanyi (2010) sobre a variação na construção genitiva do inglês:

¹⁴ Syntactic priming refers to speakers' tendency to reuse syntactic structures they have processed before. For example, speakers who have processed a passive sentence are more likely to describe a transitive scenario with another passive sentence than speakers who have processed an active sentence. It is well-known by now that structural persistence is robust, can be long-lasting and cumulative (exhibiting a logarithmic decay curve), and has been observed from comprehension to production across languages. (...) So far, many different cognitive/psycholinguistic determinants of priming have been discovered, but sociolinguistic factors have received much less attention. This is in part due to the fact that most work on priming has been experimental in nature. However, even though there are some corpus-based studies of priming that are compatible with a discourse and/or sociolinguistic perspective, there is little in terms of, for example, MODE or more fine-grained register differences.

Fatores internos: (i) semântico-pragmáticos, (ii) fonológicos; (iii) relacionados ao processamento e ao *parsing*; (iv) relacionado ao princípio da economia.

Fatores externos: (v) textos de diferentes níveis de formalidade; (vi) consideração dos usos nas diferentes sincronias; (vi) diferenças geográficas entre os usos variáveis.

Com base nos dados aqui expostos, é possível observar que o fenômeno da variação construcional tem sido tratado de formas diferentes na literatura: há estudos que levam em consideração apenas fatores internos (estruturais e cognitivos), como pôde-se ver nas pesquisas apresentadas por Hilpert (2014) e Cappelle (2006); há outros que, além disso, tratam dos fatores externos. Inclusive, vale ressaltar que, assim como o funcionalismo passou por uma “virada cognitiva” e é hoje reconhecido como um modelo cognitivo-funcional, o mesmo ocorreu com a Sociolinguística, que hoje também mantém diálogo com o cognitivismo, sob o rótulo de Sociolinguística Cognitiva.

À guisa de conclusão: encaminhamentos e soluções

O casamento entre o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano e a Linguística Cognitiva trouxe muitos ganhos para as nossas pesquisas, mas inspira alguns cuidados. Em virtude da elevada atenção dada aos princípios construcionistas nos trabalhos desenvolvidos, tem-se, progressivamente, lidado com a necessidade de compatibilizar fenômenos previstos nos dois modelos. É o que ocorre na relação entre *variação construcional* e *competição pelo uso*. Como é possível observar, são fenômenos que apresentam semelhanças e divergências.

Defendo que, nos trabalhos em LFCU, a adoção do termo “variação construcional” é mais adequada, na medida em que esse fenômeno assume uma dimensão mais ampla do que a competição pelo uso. Enquanto o último prioriza os aspectos internos (estruturais e cognitivos), o primeiro possibilita o tratamento de fatores tanto internos (estruturais e cognitivos) quanto externos (a depender do objetivo do pesquisador). Sendo assim, parece-me mais prudente a preferência pelo termo *variação construcional*, não somente pela maior abrangência do termo, como também por uma questão de economia terminológica.

Referências

BOLINGER, D. *Meaning and Form*. Londres: Longmans, 1977.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions. *Constructions SV1-7*, 2006, p. 1-28.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: Martelotta, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

GEERAERTS, D; KRISTIANSEN, G; PEIRSMAN, Y. (Eds.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlim: Walter de Gruyter, 2010.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GORSKI, E. M. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GRIES, S. T. Sources of variability relevant to the cognitive sociolinguistic, and corpus – as well as psycholinguistic methods and notions to handle them. *SciVerse ScienceDirect*. Journal of Pragmatics 52, 2013, p-5.16.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth e HEINE, Bernd (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Ediciones Cátedras, 1999 [1972].

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LEITE, Y; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

LOPES, M. G. *Relações coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Projeto de pesquisa. 29f.

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019.

LOPES, M. G.; SILVA, S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, n. 62, 2022, p. 240-269.

MARQUES, N. B. N.; PEZATTI, E. G. *A relação conclusiva na língua portuguesa*. Funções resumo, conclusão e consequência. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, v., p. 1-20.

MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolinguística*. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

ROSENBAACH, A. Emerging variation: determiner genitives and noun modifiers in English. *English Language and Linguistics* 11.1. United Kingdom: Cambridge University Press, 2007, p. 143-189.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990.

SZMRECSANYI, B. The English genitive alternation in a cognitive sociolinguistics perspective. In: GEERAERTS, D; KRISTIANSEN, G; PEIRSMAN, Y. (Eds.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010, p. 141-166.

WEINER, J; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, 1983 [1977], p. 29-58.

Recebido em 01/12/2021

Aceito em 18/02/2022

Publicado em 06/04/2022